

TENDÊNCIA DA MORTALIDADE MATERNA POR HEMORRAGIA PÓS-PARTO NO BRASIL ENTRE 2014 E 2023, SEGUNDO RAÇA/COR

Deyse Emilly Zequineli Constantino¹, Keila Cristina Mascarello²

Departamento de Ciências da Saúde

Introdução e Objetivo

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2010), a Mortalidade Materna (MM) é definida como a morte de uma mulher durante a gestação ou dentro de um período de 42 dias após o término da gravidez (Santos *et al.*, 2023). A Hemorragia Pós-Parto (HPP), vem se tornando uma das principais causas de MM no mundo, sendo vista no Brasil como um problema de saúde pública. A mortalidade materna é 2,5 vezes mais alta entre mulheres negras em comparação com mulheres brancas. Além disso, há uma maior incidência de HPP entre mulheres pardas e negras (Matos *et al.*, 2024; Leal *et al.*, 2017). A alta taxa da HPP, além de estar relacionada a um aumento na mortalidade, também pode levar a sérias complicações futuras nessas mulheres, como anemia, injúria renal aguda, falência hepática, síndrome de Sheehan, síndrome do desconforto respiratório e coagulopatia disseminada. O objetivo central desse estudo é avaliar a tendência da mortalidade materna por hemorragia pós-parto no Brasil entre os anos de 2014 e 2023, segundo a variável raça/cor.

Método e Metodologia

Trata-se de um estudo quantitativo de série temporal, com dados de 2014 a 2023, que analisou a mortalidade materna por hemorragia pós-parto em mulheres de 10 a 49 anos, segundo a raça/cor, no Brasil e regiões. Foram utilizados dados secundários do SIM e SINASC (DATASUS). As taxas foram calculadas com base nos óbitos por hemorragia e o total de nascidos vivos, organizados no Excel. A análise de tendência foi realizada no programa estatístico Stata 13.1 por regressão linear, e os gráficos produzidos na Datawrapper. Esta pesquisa dispensou a aprovação ética por utilizar dados públicos, conforme Resolução 466/2012.

Discussão e Resultados

Entre 2014 e 2023, foram notificados 1.093 óbitos maternos por hemorragia pós-parto no Brasil. A taxa variou de 3,6 para 3,7 óbitos por 100 mil nascidos vivos, com pico em 2019 (157,2/100mil NV). Mulheres indígenas apresentaram os maiores índices, chegando a 512,8 óbitos por 100 mil nascidos vivos em 2019. Entre pardas, a taxa variou de 3,2 a 4,4 óbitos por

1 Graduanda em enfermagem- Universidade Federa do Espírito Santo, deysezequineli2016@gmail.com

2 Doutora em Epidemiologia – Universidade Federal de Pelotas, keila.mascarello@ufes.br

100 mil nascidos vivos, também com aumento em 2019 (179,6/100mil NV). Pretas apresentaram queda de 10,0 óbitos por 100 mil nascidos vivos (2015) para 3,6 óbitos por 100 mil nascidos vivos (2023). Mulheres brancas mantiveram taxas estáveis (3,3 a 4,2/100mil NV).

Tabela 1. Taxa de Mortalidade Materna por Hemorragia Pós-Parto por Raça/Cor no Brasil, 2014-2023.

Ano	Raça/cor				
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
2014	3,3	5,9	0,0	3,5	13,0
2015	3,6	10,0	0,0	4,3	4,4
2016	4,0	3,4	0,0	3,2	8,6
2017	3,4	5,7	8,4	3,9	20,2
2018	4,1	4,1	7,7	4,0	11,4
2019	142,6	113,0	0,0	179,6	512,8
2020	3,7	3,9	0,0	4,4	15,5
2021	3,9	7,1	0,0	4,1	24,3
2022	4,2	6,0	0,0	3,4	7,3
2023	4,0	3,6	8,4	3,4	10,1

Fonte: Elaborado pela autora

A análise de tendência indicou estabilidade em todos os grupos ($p>0,05$). Regionalmente, Norte e Nordeste apresentaram as maiores médias (4,1 e 5,19/100mil NV), enquanto o Sul teve a menor (3,44/100mil NV), com elevação em 2022 (5,8/100mil NV) durante a pandemia.

Os achados desta pesquisa indicam que, apesar dos avanços legislativos e das políticas públicas, a população negra ainda apresenta desfechos obstétricos desfavoráveis em comparação à população branca. A maior incidência de óbitos maternos por hemorragia pós-parto entre mulheres negras é o reflexo de um contexto de iniquidade estruturais, marcado por determinantes históricos, sociais e econômico, o que limitam o acesso a um cuidado obstétrico adequado. Um dos principais fatores que contribuem para o aumento da mortalidade materna é a baixa qualidade do pré-natal, que resulta na falta de informações essenciais sobre o parto e o puerpério. A adesão insuficiente ao pré-natal, compromete a detecção precoce de fatores de risco, que possam levar ao desfecho de hemorragia pós-parto, como a distúrbios de coagulação, um dos principais fatores que levam puérperas a esse desfecho trágico (Carvalho & Meirinho., 2020).

Considerações Finais

Observa-se ainda que uma proporção expressiva desses óbitos atinge majoritariamente mulheres negras, evidenciando a persistência do racismo estrutural e institucional nos serviços

1 Graduada em enfermagem- Universidade Federa do Espírito Santo, deysezequinel2016@gmail.com

2 Doutora em Epidemiologia – Universidade Federal de Pelotas, keila.mascarello@ufes.br

de saúde. Esse cenário também revela falhas na implementação efetiva da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) em diversos estados e regiões do país. A desigualdade regional se destaca como um fator agravante, uma vez que a maioria dos óbitos ocorreu em regiões com menor desenvolvimento socioeconômicos.

Essa realidade aponta para carência de infraestrutura adequada e a insuficiente capacidade dos profissionais que prestam assistências obstétrica, comprometendo diretamente a qualidade do cuidado oferecido às mulheres no período gestacional. Diante desse panorama, é imprescindível que sejam promovidas ações efetivas e continua voltadas à equidade na saúde, à capacitação técnica das equipes assistenciais, à estruturação dos serviços de saúde obstétricos e a superação das desigualdades sociais e regionais.

Referências

MATOS, Daniel da Costa et al. **Panorama epidemiológico da hemorragia pós-parto no Brasil:** tendencias, desafios e intervenções. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, v.6, n.3, p.302-311, 2024.

SANTOS, Nathalia Marinho dos et al. **Hemorragia pós-parto:** uma revisão da literatura. Research, Society and Desenvolvement, v.12, n.7, n.1-8, jul.2023.

MATOS, Daniel da Costa et al. **Panorama epidemiológico da hemorragia pós-parto no Brasil:** tendencias, desafios e intervenções. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, v.6, n.3, p.302-311, 2024.

LEAL, Maria do Carmo et al. **A cor da dor:** iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.33, p. e00078816, jul.2017.

1 Graduanda em enfermagem- Universidade Federa do Espírito Santo, deysezequineli2016@gmail.com

2 Doutora em Epidemiologia – Universidade Federal de Pelotas, keila.mascarello@ufes.br